

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso...C-PEM/91.....

Partido.....-

Solução do...P-III - 8 (En) ENSAIO.....

Apresentada por

CARLOS ANTONIO PÓVOA RODRIGUES

.....
CMG

.....
NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

19.91.....



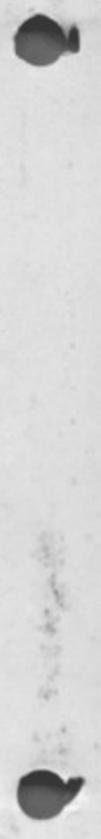
- A PERESTROIKA -

CARLOS ANTONIO PÓVOA RODRIGUES
Capitão-de Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

MM-EGN
BIL - 15CA
30/10/1991
3.125

GN-00010113-9



PÓVOA, Carlos Antonio, Rodrigues

A Perestroika: EGN, 1991.

12 p.

Bibliografia.

Ensaio: C-PEM, 1991.

1. União Soviética - Política e Governo. 2. Marxismo.
3. Leninismo. 4. Perestroika I. Brasil. Escola de Guerra
Naval. II. Título

EXTRATO

Trata brevemente da ascensão do marxismo-leninismo na URSS e suas distorções. Analisa as motivações, objetivos e base ideológica da "perestroika". Comenta suas conseqüências internas e internacionais, concluindo quanto ao futuro do comunismo.

TEMA: A "PERESTROIKA"

Pontos a considerar:

- Motivações da reestruturação; a "perestroika" estaria associada ao fim da ideologia marxista ou a uma busca de soluções para as vulnerabilidades da coesão da URSS; seus objetivos e conseqüências.

ÍNDICE

	Folha
Introdução	1
Do marxismo-leninismo à "perestroika"	1
A "perestroika", suas motivações, ideologia e objetivos	3
As conseqüências da "perestroika"	8
Conclusão	11
BIBLIOGRAFIA	A-1

INTRODUÇÃO

Em 3 de abril de 1917, Wladimir Iliitch Oulianov, conhecido como Lênin, recém retornado do exílio, em Petrogrado, do alto de um blindado, conclamava seus camaradas bolcheviques a derrubarem o Governo Provisório, que se seguiu à queda do Czar, a tomarem o poder e implantarem o comunismo na Rússia.

Decorridos mais de 70 anos da mais longa ditadura dos tempos modernos, em 21 de agosto de 1991, Boris Yeltsin, Presidente da Rússia, a principal República da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), também do alto de um blindado, desta feita em Moscou, conclamava a população a resistir às facções comunistas conservadoras que estavam forçando Mikhail Gorbachev, Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), o condutor da "perestroika", a abandonar o poder.

Apreciações sobre a "perestroika" que envolvam suas motivações, objetivos, conseqüências e variantes ideológicas, propósito do presente trabalho, face a complexidade dos eventos que determinaram a ascensão do comunismo na URSS, não poderão ser feitas sem que antes seja, mesmo que brevemente, abordado seu nascedouro na Revolução de 1917.

Os últimos acontecimentos de agosto de 1991, que abalaram o Leste europeu, lançam inúmeras indagações e dúvidas quanto ao futuro da URSS, da própria sobrevivência da ideologia comunista e de suas conseqüências para o mundo.

DO MARXISMO LENINISMO À "PERESTROIKA"

"Trabalhadores de todas as terras, uni-vos", lema da "Revista Comunista", editada em Londres, em 1847, é também o epitáfio de seu criador, Karl Marx, em um cemitério no subúrbio da mesma cidade. Igualmente foi o "chamamento" do "Pravda" - Verdade -, jornal lançado pelos bolcheviques, circulante na Rússia desde a Revolução de 1917. A partir de

agosto de 1991, o "Pravda" passou a circular sem este lema.

Os meados do século XIX na Europa foram fortemente influenciados pela Revolução Industrial, pelas imposições do Congresso de Viena e pela expansão das doutrinas e conceitos imperialistas, favorecendo, em contrapartida, o florescimento dos antagonismos do trabalho com o capital e do proletariado com a burguesia.

Apoiando-se nos pensamentos de Hegel e de outros que remontam à Revolução Francesa, Karl Marx e Friedrich Engels, com seus notáveis talentos, erigiram as bases de uma ideologia, com a formação da clandestina "Liga dos Comunistas", a edição da já citada "Revista Comunista" e a publicação e disseminação, em 1848, do "Manifesto do Partido Comunista".

O burguês, o proletário e o comunista são os principais protagonistas do "Manifesto", que se alicerça em uma filosofia utópica, baseada nos materialismos histórico e dialético. O "Manifesto" prega a luta de classes e o domínio do proletariado, contestando a existência do Estado, da propriedade e dos valores burgueses de liberdade, individualidade, cultura, direito, família, pátria, moral e religião. Sequer são dissimuladas as idéias e projetos de que os objetivos do comunismo só podem ser atingidos destruindo, pela violência, a ordem social vigente.

O movimento revolucionário de 1917, que acabou com a abdicação de Nicolau II e com o czarismo, foi engolfado pelo talento de Lênin, que conseguiu pragmatizar o vago e confuso dogmatismo de Marx e com o apoio dos Sovietes e da Guarda Vermelha - o exército bolchevista -, fez vitoriosa a "Revolução de Outubro", estabelecendo na Rússia o primeiro Estado socialista da História.

Seguiu-se a Guerra Civil, até a consolidação de Lênin e dos bolchevistas no poder, em 1920. Foi um período confuso, conturbado e sangrento, com intervenções de potências

européias, do Japão e dos Estados Unidos da América (EUA), com batalhas e a fome grassando.

A morte de Lênin, no início de 1924, levou Joseph Stalin ao poder. A era stalinista perdurou até 1953. Foi igualmente um período sangrento e de sacrifícios para a "Rodina" - Mãe Pátria - pelos seus expurgos internos, implantação de planos de desenvolvimento e pela Segunda Grande Guerra, ao término da qual a URSS alinhava-se entre as potências mundiais.

A Stalin sucederam-se Krushev (1953-64), Brejnev (1964-82), Andropov (1982-84) e Chernenko (1984-85). Em 1985, o cargo de Secretário-Geral do PCUS foi ocupado por Mikhayl Sergeyevich Gorbachev, que passou a promover profundas e radicais mudanças na estrutura política, econômica e social da URSS. Tinha início a "perestroika".

A "PERESTROIKA", SUAS MOTIVAÇÕES, IDEOLOGIA E OBJETIVOS

MOTIVAÇÕES - Identificam-se duas classes de fatores que abalaram os alicerces da URSS e que levaram a implementação da reestruturação, ou seja, da "perestroika": os nascidos e germinados dentro de suas próprias fronteiras e aqueles que as transbordavam nos dois sentidos.

Desde os meados da década de setenta, diversas debilidades e pressões vinham atuando sobre o regime soviético, não passadas despercebidas às suas lideranças, que se dedicaram, de forma ineficaz, às suas correções.

Uma sucessão de governos, devida em grande parte à idade avançada de seus chefes, levou Gorbachev ao poder, em março de 1985, justo um dos principais mentores da "perestroika" que, com alguns elementos mais progressistas do PCUS, já possuíam uma análise crítica dos problemas que afligiam a URSS.

A reunião plenária do Comitê Central do PCUS, realizada em abril de 1985, concluiu que o "potencial socialista da URSS não estava sendo plenamente e corretamente utilizado e

que o país estava à beira de uma crise ... necessitando urgentemente de uma política de aceleração do progresso social e econômico e de uma renovação de todas as esferas da vida".

As ponderáveis conquistas, duramente obtidas desde a Revolução de 1917, com os sofrimentos impostos pela Guerra Civil, pelo stalinismo e pela Grande Guerra Patriótica, estavam se degradando, como que por aparecimento de um "freio" ao desenvolvimento sócio-econômico, com insucessos econômicos freqüentes e com problemas sociais multiplicando-se e acumulando-se.

A exarcebação dos problemas internacionais levava a uma escalada da corrida armamentista, que colocava a ameaça nuclear se sobrepondo à resolução dos problemas sociais, colocando em risco a sobrevivência da humanidade e exigindo uma plêiade de soluções conjuntas entre a URSS e o Ocidente, mais especificamente com os EUA.

Estava havendo uma marcante queda na eficiência da produção, com uma grande parcela do produto nacional se tornando capital ocioso ou sendo desperdiçado perdulariamente no ataque ineficiente a problemas imediatos, menosprezando o desenvolvimento científico-tecnológico, prejudicando a modernização econômica e aumentando o hiato tecnológico.

A planificação centralizada da economia, com a escolha da oferta sendo conduzida pelo produtor, preocupava-se com a quantidade, relegando a um segundo plano os custos, a qualidade e a distribuição.

O nivelamento salarial impedia a valorização da qualidade do trabalhador e da sua produtividade, sugerindo-lhe um comportamento parasitário, com uma gradual erosão dos valores ideológicos e morais da população. As realidades, deturpadas pela propaganda oficial governista e pela repressão, estimulavam o servilismo, a mediocridade e o formalismo, inibindo o desenvolvimento do pensamento, do esforço criati-

vo, da credibilidade, da cultura e da arte, estimulando a passividade do povo e a sua descrença no sistema, ou seja no próprio PCUS.

Não mais se observava no povo o sentimento de solidariedade que possibilitou as vitórias da Revolução e na Grande Guerra Patriótica. Via-se sim, o aumento do alcoolismo, do uso de drogas e da criminalidade no seio da população e da distribuição indiscriminada de favores e privilégios para uma corrompida "nomenklatura", formada por membros proeminentes da estrutura do PCUS e do Governo.

O chamado "princípio residual", ou seja, a priorização de alocações orçamentárias para a produção, passou a afetar a esfera social, colocando-a em nível secundário e prejudicando o padrão de vida no que diz respeito à habitação, saúde, educação, transportes, serviços em geral e na quantidade e qualidade de bens de consumo, alimentos e manufaturados.

Tais óbices reacendiam e alimentavam uma importante vulnerabilidade da União, composta de diversificadas etnias, culturas e religiões, mantida em estado latente nos períodos em que as centelhas de prosperidade e uma mais eficaz atuação do Partido eram dominantes, o que ofuscava os sentimentos nacionalistas.

De além fronteiras, pressões igualmente se exerciam, a serem contrapostas com prejuízos que afetavam intensamente os óbices internos da União, dos quais, como mais relevantes, enumeram-se: os gastos na expansão e manutenção de um enorme Poder Militar para fazer frente à Guerra Fria e sua decorrente corrida armamentista, em particular face à recente ameaça do programa de "Guerra das Estrelas dos EUA"; os custos de manutenção econômica e política dos países da esfera de influência comunista, alguns deles já abertamente insatisfeitos deste "status" e padecendo, até mais, das

mesmas mazelas da URSS; o desgaste interno e internacional, com elevadas perdas humanas, de material e políticas, decorrentes da aventura no Afeganistão; e, finalmente, os diversos e onerosos insucessos na exportação e imposição da ideologia comunista para diversos países.

O próprio Gorbachev, em seu livro publicado em 1987, "Perestroika, novas idéias para o meu país e o mundo", de maneira surpreendente para o leitor, expõe que o somatório e a combinação das debilidades mostradas, em especial daquelas de caráter interno, são claramente identificadas como as responsáveis diretas pela necessidade urgente da "perestroika" para a salvação da URSS.

BASE IDEOLÓGICA - No dizer de Gorbachev, "a perestroika, como sistema, está intimamente ligada ao socialismo". Seu embasamento está vigorosamente apoiado nos conceitos de Lênin e não naqueles praticados por Stalin e que vieram a ser exercitados pelo Kremlim, após a Revolução de 1917, impostos e propalados como sendo o comunismo. Este tipo de comunismo foi contestado, como tal, por outras Nações que abraçaram o marxismo-leninismo e por alguns Partidos Comunistas de países ocidentais.

Dois anos antes de sua morte, Lênin já expressava sua inquietude sobre a deformação que rapidamente tomava conta da Rússia revolucionária, justificada na necessidade de ser reconstruído um aparelho militar e burocrático, contra o qual tinha se lutado, para que pudessem ser combatidas as forças oponentes do Capitalismo e do Imperialismo.

Pelo menos duas gerações conviveram com o domínio bolchevista na URSS. Atualmente, quatorze de cada quinze cidadãos soviéticos nasceram após a Revolução, tendo sido educados e formados sob a tutela do PCUS, usufruindo e reconhecendo os progressos alcançados, mas, igualmente, sofrendo e não podendo deixar de perceber seus desacertos.

Os erros cometidos afluíam quando da comparação de parâmetros soviéticos com outros de fora da Cortina de Ferro, cuja impenetrabilidade não foi possível manter absoluta.

Com a rigidez do sistema impedindo evoluções mais rápidas e radicais, sua reestruturação - "perestroika" - apoiada em preceitos leninistas, configurou-se como uma alternativa viável de ser aceita pelos, já receiosos, mais conservadores e por aqueles que usufruíam as "delícias do comunismo". Já eram perceptíveis o descontentamento com o sistema e sinais de uma desagregação territorial e social, estimulada por emergentes dissidências e por movimentos nacionalistas de caráter separatista.

A interpretação pragmática dada por Lênin ao marxismo favoreceu a "perestroika", pela associação feita do socialismo com a democracia e pela inviabilidade de separá-los. Segundo Gorbachev, a essência da "perestroika" está baseada na união do socialismo com a democracia. O conceito revolucionário de construção do socialismo, responsável por este espírito e por sua abrangência, seria revivido, possibilitando o surgimento de uma social democracia. Seriam corrigidos os valores, metas e comportamentos distorcidos que se implantaram na URSS, resgatando o princípio socialista "de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com seu trabalho".

OBJETIVOS - A reunião plenária do PCUS, de julho de 1987, aprovou o documento "Fundamentos da Restruturação Radical da Administração Econômica", que deu forma e estabeleceu metas mais consistentes para a "perestroika", cujos princípios já estavam lançados desde a reunião de 1985.

Essencialmente voltada para a causa socialista, a reestruturação pretendida apoiou-se, desde a sua adoção, em um tripé composto pela real e efetiva participação social - "demokratiztsiya" - , pela transparência das decisões e

estruturas administrativas - "glasnost" - e pela urgente aceleração do crescimento econômico e social - "uskoreniye" - conjuntamente atuando como os meios para a saída da estagnação e retomada do desenvolvimento.

A meta prioritária e mais premente é a melhora da situação econômica, estancando e invertendo suas tendências desfavoráveis, colocando ordem na economia, estimulando a disciplina e a produtividade, para aumentar o nível de organização e responsabilidade, de modo a possibilitar a recuperação das áreas e setores que se retardaram.

Seus objetivos são abrangentes e amplos, pela renovação total dos atuais valores da vida soviética, dando ao socialismo formas de organização mais modernas e uma total revelação da sua natureza humanista, englobando seus aspectos mais decisivos, ou seja, o econômico, o social, o político e o moral.

A correção dos erros que motivaram a "perestroika" e a busca e implementação de soluções e caminhos inovadores, que a levem a um sucesso, são avaliadas como tarefas hercúleas, em face das resistências que se lhes apresentam, à rígida e inflexível estrutura estabelecida e aos interesses e vontades a serem contrariados. Mesmo seus mentores e condutores mais entusiasmados e otimistas, não prognosticaram resultados imediatos ou anteriores à virada do século, dos quais dependeriam a própria sobrevivência do marxismo-leninismo e a manutenção da coesão da URSS.

AS CONSEQÜÊNCIAS DA "PERESTROIKA"

Duas são as conseqüências mais extremas da "perestroika", até o presente, nos primeiros dias de setembro de 1991: no campo internacional, em 1989, a "queda" do muro de Berlin e, internamente, na própria URSS, em agosto passado, a tentativa de "golpe" para tirar Gorbachev do poder.

A retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, tido como o "Vietnam dos comunistas", sua debilitada situação econômica, política e social, aliadas à abertura democrática proporcionada pela "perestroika", extrapolaram as fronteiras da URSS, tendo seus efeitos se infiltrado nos países de sua esfera de influência.

Como defendido por Kissinger, nos anos setenta, para o sudeste asiático, uma variante da "Teoria do Dominó", com polaridade invertida, foi renascida nos países do Leste europeu. Um a um, sem exceção, aqueles países tiveram seus governos derrubados, implantados regimes democráticos e banidos seus Partidos Comunistas, surpreendentemente, sem a intervenção da URSS. A queda do muro de Berlin e a reunificação da Alemanha, apenas imaginadas para este século por futurólogos esquizofrênicos, tornou-se uma realidade da noite para o dia. Abria-se a Cortina de Ferro.

Em paralelo, questões de há muito pendentes sobre desarmamento, entre a URSS e os EUA, como que se derretem, numa continuação de Acordos, com a destruição de mísseis nucleares de alcance médio, bem como reduções, retiradas e limitações em efetivos e materiais militares convencionais e em armamentos estratégicos. Bush e Gorbachev anunciam conjuntamente o término da Guerra Fria. O Pacto de Varsóvia é desfeito. Os eventos se sucedem, com velocidade nunca vista na História, desafiando os prognósticos dos mais renomados analistas.

No Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), a URSS não veta o uso de "qualquer meio" para o Iraque retirar-se do Kuwait, por ele invadido, possibilitando uma solução militar sob a égide daquele organismo, na chamada "Guerra do Golfo". Os EUA, principal ator da aliança formada por proeminentes países ocidentais e alguns árabes, saem fortalecidos do conflito com a derrota de Saddam

Hussein.

Segundo expressado pelo próprio Gorbachev, em seu já citado livro, "qualquer demora para a implantação da "perestroika" poderia levar, num futuro próximo, a uma situação interna exarcebada que, em termos claros, constituiria um terreno fértil para uma grave crise social, econômica e política". Palavras proféticas como o tempo demonstrou.

A "demokratiztsiya" e a "glasnost" logo tiveram seus resultados. A "uskoreniye" deixou a desejar, agravando ainda mais a situação econômica e diminuindo a já crítica oferta de bens de consumo e comestíveis, desgostando e afetando diretamente o povo.

Gorbachev passou a ser pressionado por duas facções:

- por um lado, os segmentos comunistas conservadores e ortodoxos que viam todos os seus dogmas e privilégios serem vilipendiados, com a recomposição dos princípios da propriedade e mercado, greves de mineiros e operários, conflitos raciais e religiosos, manifestações públicas, reivindicações de Repúblicas para suas autonomias, disseminação de escândalos administrativos, entre outros. Tal quadro era agravado pelo desprestígio internacional causado pela queda do comunismo nos países periféricos de influência;

- por outro lado, a própria população soviética, que de início o apoiava, passou a repudiá-lo, em face dos maus resultados da economia, o que afetou, de imediato, a oferta e os salários. Também este quadro viu-se agravado pelo aparecimento de outras lideranças, dissidentes da "perestroika", que clamaram e levaram o povo a exigir reformas mais rápidas e radicais.

Gorbachev, "Prêmio Nobel da Paz" e "Homem do Ano" da revista "Time", passou a ter prestígio como líder e estadista, respeitado e idolatrado como tal, somente fora das fronteiras da URSS.

Os resultados não se fizeram esperar. O regresso de Gorbachev de uma reunião com os países mais desenvolvidos, o "Grupo dos Sete", sem um plano consistente de apoio económico, e a possível aprovação de novas regras federativas para as Repúblicas serviram como "gota d'água" para um "golpe". A eclosão deste movimento, liderado pelo PCUS e apoiado por importantes segmentos das Forças Armadas e da KGB (Polícia Política), tirou Gorbachev do poder e instituiu uma Junta de Governo, autodenominada "Comitê Estatal de Emergência".

Contra o "golpe" de Estado, apenas uma voz levantou-se, desde seu início, a de Boris Yeltsin, Presidente da República da Rússia, a mais importante da URSS. Opositor de Gorbachev, por se alinhar com aqueles que queriam uma "perestroika" mais rápida e radical, Yeltsin evocou a ilegalidade do movimento e conclamou o povo soviético à resistência e à greve. O mundo aguardava, incrédulo, uma repetição, em Moscou, dos acontecimentos que marcaram com sangue, em Pequim, a Praça da Paz Celestial. Felizmente tal não ocorreu.

A má articulação do golpe, a falta do completo apoio das Forças Armadas, a ampla discordância e resistência popular, com sérios riscos de eclosão de uma guerra civil, levou o movimento ao fracasso, com Gorbachev sendo reconduzido ao poder e o PCUS caindo em desgraça.

CONCLUSÃO

A tentativa de deposição de Gorbachev acabou por desestruturar o PCUS, dentro de seus próprios domínios, afastando qualquer possibilidade de ser recuperado o poder e privilégios de que dispunha. Até então onipresente em todas as atividades da URSS, o desprestígio do PCUS gerou uma grave crise institucional, a se somar às já existentes, criando um amplo vácuo de poder, de conseqüências imprevisíveis.

A unidade das Repúblicas está em risco, com todos os seus

perigos para a paz interna e mesmo internacional, considerando-se o formidável Poder Militar disponível. A independência das Repúblicas Bálticas já está consumada. Diversas outras Repúblicas clamam também por independência. A União das Repúblicas Soviéticas Soberanas e seus Estatutos, aprovados pelo Congresso do Povo, em 5 de setembro de 1991, não são avaliados como sólidos, o suficiente, para fazerem face a um já denominado "período de transição", com os antagonismos presentes e com aqueles que, sem dúvida, irão surgir.

A reformulação da máquina governamental; o revanchismo latente; a situação econômica; as minorias russas, agora sem poder, espalhadas pelas Repúblicas; o "caldeirão" nacionalista, racial e religioso; o controle das Forças Armadas e do arsenal nuclear; a interdependência econômica das Repúblicas; e a própria continuidade da "perestroika", são, por si só, apenas alguns dos mais complexos problemas que se configuram e terão que ser enfrentados por Gorbachev e Yeltsin, por enquanto, unidos politicamente.

Não pode deixar de ser considerado que o desenlace dos recentes e atuais acontecimentos na URSS fortalecem, ainda mais, no panorama internacional, a já proeminente posição ocupada pelos EUA, o que, no mínimo, vem a ser preocupante, face às suas tendências hegemônicas.

Pretencioso e, mesmo, irresponsável seria um exercício de prospectiva para a Humanidade e para o quadro interno da União Soviética. Somente uma ousada profecia é arriscada, para o bem do povo soviético, em particular, e, por que não ampliar, para todos os povos: foi decretada a pena de morte para a ideologia comunista praticada pelo Kremlin, no presente século. Que os ortodoxos teóricos marxistas-leninistas continuem perseguindo sua utopia, até a exaustão final, sem perturbarem a espécie humana.



BIBLIOGRAFIA

1. BRADLEY, John. The Russian Revolution. Bison Books Ltd., Londres, GB, 1988.
2. DONNELLY, Christophen et alii. Gorbachev's Revolution. Coulsdon, Jane's Information Group Ltd., 1989.
3. GORBACHEV, Mikhail S.. Perestroika: novas idéias para meu país. Editora Best Seller, São Paulo, 1987.
4. PILLA, Carlos F. de. A Perstroika. Ensaio apresentado no C-PEM da Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro, 1990.

Rodrigues, Carlos Antonio Povo
a

A Perestroika

7-C-63

DEVOLVER NOME LEIT. (3125/91)

RETIROU EM

NOME DO LEITOR

13 MAI 1994

CC CONTI

24 MAI 1994

RENOVADO 21/05/95